

POR GIOVANNA KUNZ

De longe, o Lago Paranoá parece conhecido. Está na fotografia da Ponte JK, no caminho de quem passa pela Esplanada, na paisagem das janelas dos apartamentos e nos fins de semana de quem procura um lugar para nadar, remar ou simplesmente sentar diante da água. Mas basta entrar no lago para perceber que a cidade vista das margens é apenas uma parte da história.

Na água, Brasília muda de escala. As construções ficam distantes, a vegetação ganha espaço e os cursos d'água que alimentam o reservatório conduzem a áreas que não aparecem nos roteiros mais conhecidos. Em alguns trechos, é possível passar minutos sem enxergar uma avenida ou um prédio. Em outros, a Torre de TV Digital surge ao fundo, lembrando que aquela paisagem aparentemente selvagem está no meio de uma capital.

Foi em uma dessas experiências que o lago revelou algumas de suas particularidades. O passeio pelo Lago Norte, com saída pela QI 5, começa entre a paisagem urbana e os braços do reservatório. A remada segue rumo ao Córrego do Torto e, aos poucos, a cidade fica para trás. A água abre caminho entre a vegetação, e o percurso, que lembra uma floresta aquática, deixa evidente o contraste entre as margens ocupadas e os trechos em que a natureza domina.

A pausa na Prainha, no meio do trajeto, muda o ritmo da manhã. Depois de remar, é possível entrar na água, tomar um banho e olhar o lago de outro ponto de vista. Dali, com a Torre de TV Digital ao fundo, a paisagem reúne natureza e arquitetura de um jeito improvável e muito brasileiro, que ganha outra dimensão quando vista de dentro da água.

Mais adiante, o caminho chega a um recanto de mata fechada e águas calmas que o músico e guia Fred Ribeiro, responsável pelo passeio de stand up paddle ou caiaque, chama de Amazônia do Lago Norte e de templo. A sensação, difícil de explicar a quem só conhece o lago pela orla, é a de ter encontrado um lugar escondido a poucos quilômetros de casa.

Ecosistema complexo

Experiências como essa ajudam a entender por que o Lago Paranoá não pode ser reduzido a um espaço de lazer. Ele é um sistema aquático complexo, formado a partir do represamento de cursos d'água e alimentado por diferentes córregos e nascentes. Ao mesmo tempo em que recebe água, também recebe sedimentos, nutrientes e impactos de uma bacia hidrográfica que cresceu junto com a cidade.

Os segredos do Lago Paranoá

A professora titular da Universidade de Brasília, bióloga e doutora em engenharia ambiental Claudia Padovesi Fonseca explica que o Paranoá é um reservatório sujeito ao aporte contínuo de materiais provenientes da bacia de drenagem. Segundo ela, o transporte de sedimentos pelos tributários contribuiu, ao longo do tempo, para uma redução de aproximadamente 2km² da superfície do lago. A renovação completa da água também é relativamente lenta, com estimativa de cerca de um ano.

Claudia chama atenção ainda para a resposta dos organismos que vivem no reservatório às mudanças na qualidade da água. "As espécies e grupos aquáticos, como plantas aquáticas, algas, microfauna e peixes, respondem rapidamente às mudanças de qualidade de água. O efeito é em cadeia e atinge todas as espécies que habitam o lago, até as que não vemos", explica. Para ela, por isso, "é crucial o monitoramento contínuo" para garantir a qualidade das águas.

Isso significa que aquilo que chega ao lago não desaparece necessariamente de maneira rápida. Plantas aquáticas, algas, microfauna e peixes respondem às alterações na qualidade da água, criando um efeito em cadeia dentro do ecossistema. Por isso, o acompanhamento permanente é importante para entender as mudanças do reservatório e evitar que problemas ambientais se acumulem.

Fotos: Giovanna Kunz/CB/D.A. Press



Um lago dentro do lago

Quem percorre os braços do Paranoá percebe que não existe uma única paisagem. Há áreas abertas, margens ocupadas, trechos com clubes e residências, regiões destinadas ao lazer e espaços em que a vegetação toma conta das margens.

A educadora física, pedagoga e mestre em educação